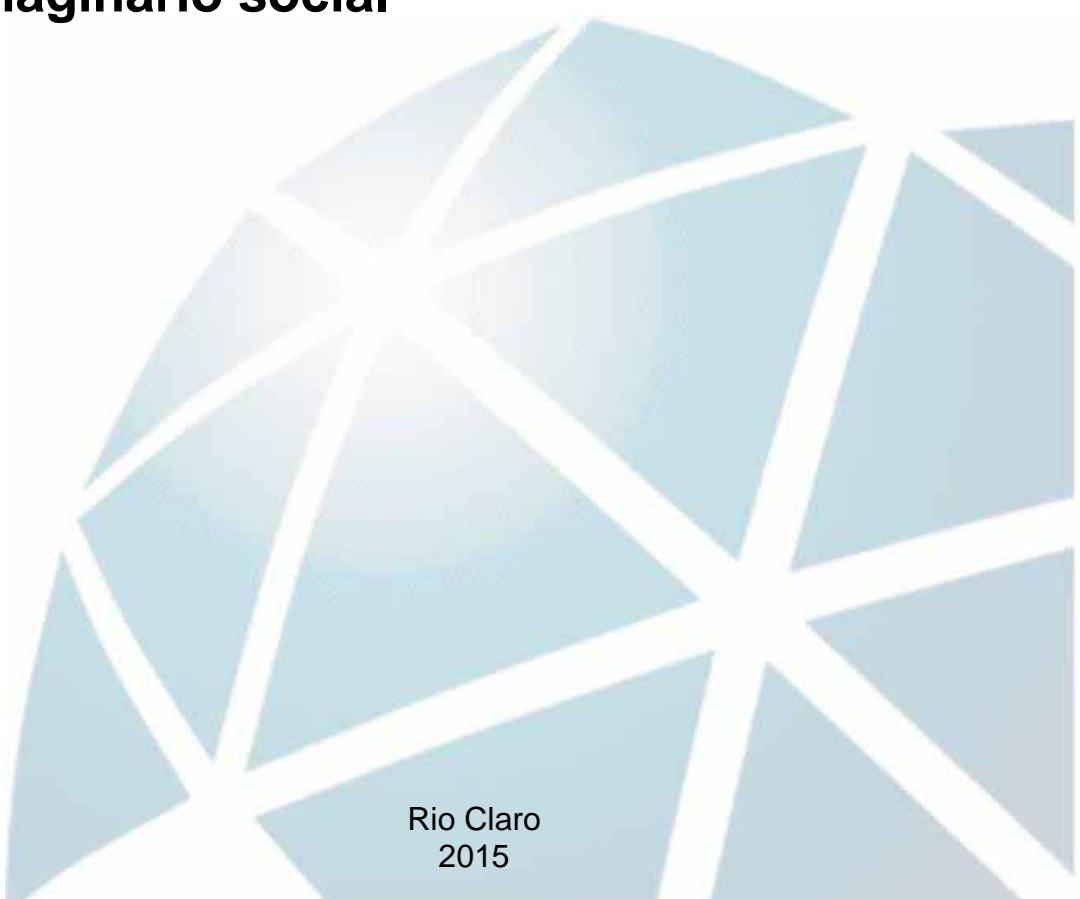

Licenciatura Plena em Pedagogia

BRUNA RUIZ

**A IMPRENSA E A PRODUÇÃO DOS
SENTIDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
ESCOLAR: uma análise a partir do
imaginário social**



Rio Claro
2015

BRUNA RUIZ

A IMPRENSA E A PRODUÇÃO DOS SENTIDOS SOBRE A
VIOLÊNCIA ESCOLAR: uma análise a partir do imaginário social

Orientador: Joyce Mary Adam de Paula e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro
2015

371.5 Ruiz, Bruna
R934i A imprensa e a produção dos sentidos sobre a violência
escolar : uma análise do imaginário social / Bruna Ruiz. - Rio
Claro, 2015
41 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro
Orientador: Joyce Mary Adam de Paula e Silva

1. Disciplina escolar. 2. Relações de poder. 3 Incivilidade.
I. Título.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiro a Deus que me sustentou durante toda a graduação e que colocou pessoas na minha vida que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

A minha mãe que é meu espelho como mulher uma pequena pessoa, mas que tem ações de uma gigante em minha vida, uma mulher, mãe excepcional.

Ao meu pai, o primeiro homem da minha vida que sempre me apoiou e que eu sinto o dever de cada dia mais dar orgulho a ele.

Aos meu namorado, o segundo homem da minha vida que esteve ao meu lado em todo meu percurso da graduação me apoiando e me ouvindo.

Aos meus amigos da faculdade em especial a minha grande amiga Mariana Bortolin que mesmo longe fez e faz parte da minha vida e que sempre está disposta a fazer o que ela faz de melhor ser uma amiga ímpar. A minha amiga Eliza Philipp que entrou na minha vida e que eu espero manter laços até o fim. E a Glenda que me acolheu também nesta cidade sendo uma ótima amiga e companheira.

A 3ª Igreja Presbiteriana de Rio Claro que me acolheu com muito amor e carinho quando cheguei na cidade.

Aos meus amigos e familiares de Varginha –MG que sempre me incentivaram e vibraram com minhas conquistas no decorrer da graduação.

A minha primeira orientadora Célia que foi a mulher que me ensinou e acompanhou meus primeiros passos na vida acadêmica.

A minha orientadora Joyce que me acolheu em sua pesquisa me mostrando uma área a qual me encantei e sempre foi solícita quando precisava de ajuda.

E a universidade que é responsável por boa parte da minha formação acadêmica e que contribui para minha formação pessoal

Resumo

O trabalho de curso aqui presente foi resultado de uma pesquisa bibliográfica feita pela autora sobre o tema violência escolar e suas 3 vertentes que são divididas da seguinte forma segundo Charlot (2002): violência na escola, violência da escola e violência à escola. Foi usado o acervo online do Jornal do Estado de São Paulo utilizando a palavra chave escola e a partir das notícias colhidas foram feitas análises divididas em categorias sendo elas: Políticas Públicas ou a falta dela, Violência na escola, Violência da escola e Violência à escola.

Palavras chaves : violência escolar. relações de poder. Incivilidade.

Sumário

| | |
|--|----|
| Resumo | 2 |
| Objetivo | 7 |
| Metodologia..... | 7 |
| Capítulo 1 Violência e violência escolar: uma síntese..... | 8 |
| 1.1 O que é violência | 8 |
| 1.2. Violência escolar..... | 10 |
| 1.3. Violência escolar e suas 3 vertentes..... | 12 |
| Capítulo 2 Midia, produção de sentidos e a violência escolar nesse contexto | 15 |
| Capítulo 3 O Jornal “Estado de São Paulo”: e as notícias sobre violência escolar. | 23 |
| 3.1 Gráficos | 23 |
| 3.2. Políticas Públicas ou a falta dela: análise das notícias dos períodos | 24 |
| 3.3 Violência escolar de acordo com o jornal | 26 |
| 3.3.1 As notícias sobre agressão de alunos: contra colegas e contra professores | 27 |
| 3.3.2 Agressão contra alunos | 30 |
| 3.4 Violência da escola | 32 |
| 3.5 Violência à escola..... | 34 |
| Considerações finais | 36 |
| Referências Bibliográficas | 37 |

Introdução

Priotto e Bonetti (2009) relatam em seus estudos os diversos contextos e as diferentes características em que a violência pode aparecer como: violência doméstica, política, simbólica. Nas escolas, a violência pode ser contra os alunos, crianças ou adolescentes, professores, direção ou comunidade. Podendo ser originada por diferentes aspectos tais como preconceitos de raça, cor, diferenças culturais, portadores de necessidades especiais etc.

“(...) violência pode ser entendida como uma ação diretamente associada a uma pessoa ou a um grupo, a qual interfere na integridade física, moral ou cultural de uma pessoa ou de um grupo, mas também esses efeitos podem ser provocados por acontecimentos e/ou mudanças radicais ocorridas na sociedade atingindo negativamente os indivíduos ou a coletividade em relação aos laços de pertencimentos, dos meios e condições de vida, etc. (PRIOTTO; BONETTI, 2009, p. 162)

Mucchielli (2010) diz que a definição do comportamento violento não é atemporal e nem cessa de evoluir em nossa sociedade. E esta discussão acerca do termo “violência” não se limita à violência física, mas também à violência psicológica, moral ou simbólica segundo Bordieu (1989).

Ao tratarmos deste tema, devemos fazer alguns pontos como, por exemplo, a violência e a incivilidade. Segundo Debarbieux (2002) o termo violência deve ser usado quando há referência a uma agressão física, vandalismo, extorsão e o termo incivilidade deve ser usado quando se refere a uma humilhação, xingamentos.

Debarbieux (2002, p.62) relata em seus estudos a existência da violência “(...) quando há uso de ameaça, intimidação, danos físicos a outros, danos ou destruição intencional de pertences.”

Este trabalho tem como foco realizar uma análise da violência escolar, esta entendida como todos os atos ou ações de violência contra a escola, pela escola, na escola. Sejam esses atos ou ações comportamentos agressivos, danos a estrutura física da escola, atos criminosos, entre outros. O presente estudo analisou as múltiplas faces da violência.

“Assim, não são apenas os episódios graves e espetaculares - como homicídios, porte e uso de armas -

que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino.” (ABRAMOVAY, 2003, p. 9)

Os estudos sobre a temática avaliam as diferentes perspectivas como: as questões geográficas, por exemplo, as escolas situadas na periferia ou favelas. Outras discutem a questão como um processo comportamental do jovem em determinadas faixas etárias. Alguns justificam os atos criminosos como a incivilidade.

Sposito fez uma pesquisa em 2002 em que constatou que no período de 1990 a 1999 houve um aumento do número de estudos sobre violência escolar e o período de 2000, 2002 e 2003 foi analisado que a violência estava presente em escolas rígidas e em escolas mais desorganizadas.

É importante destacar que a maioria dos estudos sobre violência escolar apontam como consequência às causas socioeconômicas, familiares, a falta de referência, a marginalização que às vezes fazem com que os alunos não tenham perspectiva de vida, o envolvimento com tráfico de drogas, a influência da mídia entre diversos outros fatores.

Priotto(2008) em sua dissertação para o mestrado usou a categorização de Charlot (2002) que sistematiza a violência em: violência na escola, violência da escola e violência à escola.

Em relação à violência na escola é colocado como manifestações que ocorrem dentro do ambiente escolar podendo ser praticado por funcionários, professores, alunos, ex alunos e/ou familiares. Esses atos são caracterizados pela autora como atos ou ações de violência física, ou seja, contra a outra pessoa ou a si mesmo. Incivilidade, ou seja, desacato, bullying, humilhações.

Violência à escola é classificado como os atos de vandalismo, incêndios, roubos ou furtos ao patrimônio da escola. A autora faz uma observação sobre a implicação a respeito desse tipo de violência que é tanto dos membros da escola, como a comunidade e pessoas que não frequentam essa escola.

A violência da escola é classificada como toda ação da instituição que prejudica seus membros como: abuso de poder, marginalização dos alunos, a desvalorização do professor, entre outras.

Outro contra ponto importante é a distinção de violência e indisciplina que muitas vezes é ignorado pela escola e também nos veículos de comunicação.

A indisciplina pode ser uma forma de resistência as regras da escola assim como disse Camacho (2001) que define indisciplina “[...] como resistência, ousadia e inconformismo”. Partindo desse princípio essa resistência pode parecer prejuízo ou danos, mas não necessariamente irá interromper o trabalho pedagógico.

A violência se difere por causar danos materiais e psicológicos como o sofrimento. E ela surge quando a indisciplina é mal compreendida que causará a violência da escola.

Castel (2010) aponta que vivermos em uma sociedade que está entre as mais seguras que já existiu, mas vivemos preocupados devido à insegurança e medo.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar a frequência e natureza das notícias veiculadas pelo jornal “O Estado de São Paulo” nos anos de 2000 e 2010 a respeito de violência escolar. Esse objetivo visa estudar as concepções de violência escolar que a imprensa estabelece, relacionando-a com o sentimento de insegurança presente na sociedade e a produção de sentidos a respeito desse sentimento.

O trabalho teve como intenção desmistificar a construção da imagem dos crimes cometidos contra e por essas crianças e adolescentes. Desvinculando-as da imagem preconceituosa e estereotipada a que a mídia expõe esse grupo.

Metodologia

A pesquisadora adotou como método de estudo a pesquisa bibliográfica e documental, analisando artigos do jornal escolhido como objeto de pesquisa assim como a bibliografia já produzida sobre o tema.

Para análise dos dados a palavra violência escolar e suas derivações presentes no texto das notícias serão tomadas como categorias.

Capítulo 1 Violência e violência escolar: uma síntese

1.1 O que é violência

Para situar o leitor a cerca do tema é necessário que haja um esclarecimento a respeito da definição da palavra violência para que se possa entender com clareza o trabalho aqui apresentado.

“Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais” (ABRAMOVAY, 2005 p. 53).

“(…)é um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamos-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo. A compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais; é a maneira especificamente humana de estar vivo.” (ARENDR, 1993,p.39)

Começaremos a reflexão voltando no tempo, observando o aspecto histórico sobre a violência. Esta discussão sobre a violência está presente desde a antiguidade e é tratada por Buoro (1999) quando ele expõe que a violência é algo que está relacionado com nosso cotidiano, isso faz com que acreditemos que o mundo nunca foi tão violento como hoje em dia. A violência está tão presente no dia a dia que foi banalizada, é comum entre os homens.

Segundo o dicionário francês Robert (ROBERT, 1964 apud MICHAUD, 1989: 7) a violência é:

- a)O fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação;
- b)o ato através do qual se exerce a violência;
- c)uma imposição natural para a expressão brutal dos sentimentos.
- d)a força irresistível de uma coisa,
- e)o caráter brutal de uma ação.

Há alguns autores como Raymond William que afirma que a definição de violência necessita de uma outra definição inicial para que não seja mal interpretada. E uma das formas de interpretação acerca do significado e da origem da palavra e do ato de violência é considerar que a violência é biopsicossocial é fundamental levar em conta os 3 fatores que consiste o homem: o biológico, o psicológico e o meio social que ele está inserido. Segundo Belloch e Olabarria (1993) O corpo humano é um organismo biológico, psicológico e social, ou seja, recebe informações, organiza, armazena, gera, atribui significados e os transmite, os quais produzem, por sua vez, maneiras de se comportar.

Chauí (1985) tem uma interpretação moderna sobre o tema violência, pois ela aborda a dimensão física e psíquica do indivíduo. Ela coloca a violência como conversão de uma diferença hierárquica com a finalidade de oprimir e dominar que acontece junto com omissão e mutismo dos indivíduos. Porém não podemos nos limitar a dizer que a pobreza é a causa da violência, essa afirmação do senso comum advém do início do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas que classificavam as pessoas de classe baixa como perigosas, pois consideravam-nas transmissoras de doenças e também por serem pessoas que viviam no ócio, não trabalhavam e tiravam seu sustento da rua ou de atividades que não eram consideradas permitidas e honestas.

Se afirmarmos que o aumento de violência, crimes, está ligado direta ou indiretamente aos jovens de classe média cometeremos um equívoco. Está reflexão é importante, pois ao fazer tal afirmação pode-se argumentar que se a desigualdade, isoladamente falando, explicasse os índices de violência, teríamos então uma regra: todos os jovens pobres buscariam o tráfico de drogas ou outras práticas ilegais. Creio que seria difícil e inviável um jornalista se ater a tal informação, porém quando acontece um crime muito grande contra esses menores nessas reportagens, eles são rotulados, vítimas do próprio sistema.

“(…) não deveríamos estar realizando pesquisas sobre a violência como um todo indivisível, mas, ao contrário, estar multiplicando pontos de vista (indicadores) que nos ajudem a encontrar o que é real num conceito que é ineficaz devido à sua generalidade.” (Debarbieux, 2002 p. 19).

Em relação especificamente à violência no Brasil Pereira (2000) aborda esta temática como uma contradição, pois de um lado encontra-se realidade alheia e agressiva à democracia, e do outro, há um limite entre articulações culturais. Esta linguagem de violência não está presente apenas em conflitos, mas também pode levar a emergência de alteridades, denunciando a existência de formas culturais diversas, que “encontram modos de expressão, passíveis de exibição privilegiada pela mídia e de assimilação pelo público, instituindo sentidos e ganhando adeptos” (PEREIRA, 2000, p.15). Segundo Pereira, a violência tem grande influência da mídia, pois ela se forma devido aos padrões que a mesma vincula.

“A mídia não cria preconceitos, julgamentos ou verdades, mas absorve o imaginário social, revestindo-o de uma roupagem especial, tecnicamente sofisticada e específica para agradar aos mais diferentes segmentos sociais e aos mais variados gostos.” (NJAINÉ; MINAYO2002, p.286)

1.2. Violência escolar

Stelko-Pereira e Williams (2010) apontam em seus estudos que a escola é a instituição a qual proporciona o desenvolvimento do indivíduo no aspecto social, cognitivo e na formação da criticidade do mesmo. Para que isso seja possível é preciso que haja um conjunto de fatores, por exemplo, infraestrutura, material pedagógico de qualidade, uma coordenação pedagógica que trabalhe junto com o corpo docente em prol dos alunos.

A escola enquanto instituição de escolarização formal, deve sempre estudar os processos de desenvolvimento dos sujeitos para que melhorias sejam buscadas e que os objetivos da escola sejam alcançados para assim o sujeito em formação possa se desenvolver sua criticidade, sociabilidade e que seu cognitivo não seja colocado em segundo plano nesta formação.

Um problema decorrente dentro da escola que deve inquestionavelmente ser estudado é a violência escolar e tornar mais claro o que e como é esse problema. A Organização Mundial de Saúde (2002) refere-se à violência como:

(...)uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar ferimentos, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação.” (A Organização Mundial de Saúde 2002 p. 5).

A violência descrita acima é considerada algo explícito, ou seja, a vítima percebe que está sofrendo algum tipo de violência. Porém a violência tem muitas faces e pode se apresentar de forma sutil denominada de violência simbólica.

“Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, freqüentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas” (ODALIA, 2004, p. 22-23).

A violência escolar ela não se restringe apenas ao espaço geográfico, como pudemos constatar com Odalia (2004). Ela pode também acontecer pelos meios de comunicação, o celular e internet. Nas reportagens selecionadas tivemos alguns episódios que validam essa afirmação. Hoje os meios de comunicação também são usados para fazer bullying hoje chamado cyberbullying, ou seja, um comportamento agressivo e intencional. É importante destacar que o bullying também é uma violência simbólica. Bourdieu (1989) diz que a violência simbólica é “poder invisível o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”

Segundo Patchin e Hinduja, (2006) o cyberbullying é a forma de fazer bullying ao outro usando os meios de comunicação (internet e/ou celular). O meio eletrônico permite que o autor da violência aja de modo secreto, muitas vezes sem ser identificado. Eles supõem que a violência se configure devido a diferença de habilidade com as tecnologias com a intenção de intimidar os outros, não como no bullying tradicional que está ligado normalmente a características físicas e/ou popularidades.

Abramovay (2003) e Charlot (1997) classificaram os atos e ações violentas na escola em dois níveis sendo elas a incivilidade, a violência simbólica ou institucional.

[...] este classificou a violência na escola em três níveis:
a violência- golpes, deferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; a incivildades- humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; a violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer que obriga o jovem a prender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos.(CHARLOT, 1997 apud ABRAMOVAY, 2003, p. 95).

Estamos discutindo a respeito da violência escolar, dentro da escola existem muitos envolvidos: alunos, professores, diretores e funcionários. Todos estão inseridos nessa temática, sofrendo ou causando a violência.

Segundo Stueve et al (2006) o cenário da violência escolar é composto por três componentes chaves: ator, a vítima e os observadores. O ator e a vítima podem se fazer presente na mesma pessoa visto que há muitos casos o qual o indivíduo que sofreu bullying se torna violento, muitas vezes cometendo crimes que levam até a morte. E os observadores tem um papel crucial nesse cenário, pois eles testemunhando o ato violento podem contribuir com a ocorrência ou agravamento desses atos. A presença de observadores faz com que o autor da violência busque cada vez mais a demonstrar força e poder. Neto e Saavedra (2003) acrescentam que o indivíduo que observa a agressão também sofre consequências negativas, por exemplo, podem sentir medo, se sentirem culpados e podem concluir que atos violentos é uma maneira para solucionar problemas.

Como já colocado, a definição de violência é algo difícil de afirmar, ou melhor, de limitar. O importante é que não deixem de ser feitas pesquisas que possibilitem continuar traçando as multiplicidades de aspectos relacionadas ao tema para que propostas como projetos em escolas para a diminuição da violência, estudos de

casos a respeito de atos violentos, notícias em jornais sejam analisadas. Todas essas possíveis propostas estão em níveis de análises diferentes, mas que se integram tornando cada vez mais claro o entendimento da temática.

1.3. Violência escolar e suas três vertentes

É se suma importância o esclarecimento e aprofundamento a respeito das três vertentes da violência escolar adotadas neste trabalho para que o leitor compreenda e reflita sobre as situações expostas. Para assegurar a veracidade da classificação coletada das pesquisas bibliográficas serão colocados os autores e seus pensamentos a respeito da temática.

Charlot (2002) sugeriu um novo sistema de classificação acerca da violência escolar dividindo-a em três tipos sendo elas violência na escola, violência da escola e violência à escola.

“Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência da escola esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).” (CHARLOT, 2002, p. 434).

Violência na escola acontece dentro do âmbito escolar sendo praticada por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, comunidade e ex-alunos. Este tipo de violência é caracterizado por agressões físicas, verbais e/ou psicológicas realizadas ou sofridas por indivíduos pertencentes à escola. Há casos que a violência ocorre dentro do espaço escolar sem estar relacionada muitas vezes com a natureza e as atividades da instituição por exemplo, quando uma “gangue” entra na escola para “acertar contas” de alguma disputa, a escola está sendo apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro ambiente.

Violência à escola está ligada diretamente a instituição, por exemplo, em casos de incêndios, agressões aos professores, vandalismo, roubo. Esses atos violentos implicam tanto aos membros da escola como à comunidade e estranhos à escola.

Violência da escola é uma prática feita pela instituição de ensino que afeta direta ou indiretamente os indivíduos relacionados à instituição como, por exemplo, falta de infraestrutura, fracassos escolares, preconceitos, desvalorização da instituição para com o aluno e do aluno para si mesmo, abuso de poder entre outros.

Um tipo de violência da escola que acontece no Brasil são os processos de exclusão considerados graves devido ao conceito de cidadania que o país assume, uma postura de sociedade individualista moderna tendo como resultado não só uma postura exclusiva na sociedade, mas também no âmbito escolar. Essas posturas são exemplificadas e unidas em certas situações como os cidadãos de baixa renda que são marginalizados pela falta de moradia, emprego, saúde e principalmente educação. Essas condições os tornam vulneráveis socialmente e sofrem com as reais condições como, por exemplo, a baixa escolaridade, falta de qualificação profissional e o desemprego.

O conceito de violência escolar, como já dito, gera distorção entre violência e indisciplina. Debaudieux (2001) e Caldera (2001) classificam indisciplina como a quebra de regras que cause incômodo e perturbação, ou seja, indisciplina é quando há uma causa que prejudica o funcionamento do ambiente e não necessariamente ao indivíduo. Camacho (2001, p. 129) refere indisciplina “[...] como resistência, ousadia e inconformismo”. O surgimento da mesma demanda uma investigação a respeito dos motivos que fizeram com que ela ocorresse e é de suma importância um olhar crítico para que possa haver mudanças para melhorar a qualidade do processo educativo.

Partindo deste pensamento, é possível constar que a violência gera danos e/ou sofrimento ao outro ou a algo que lhe pertence. Quando a indisciplina não é entendida pelo docente, a escola pratica a violência da escola.

Os filósofos franceses fizeram a diferenciação da violência entre a transgressão e a incivilidade. Eles acreditam que a distinção de tais ações é útil do modo prático e teórico para entender e estudar melhor a temática. Para eles violência é um tema que deve ser empregado quando a lei é ataca com o uso de força ou ameaça como, por exemplo, tráfico de drogas na escola, insultos graves, extorsão.

A transgressão é o comportamento contrário ao estatuto interno de algum estabelecimento, mas não é algo ilegal, por exemplo, falta de respeito, não realização de trabalhos escolares. A incivilidade não se opõe nem a lei nem ao

estatuto interno do estabelecimento, mas se opõe as regras da boa convivência, por exemplo, empurrões e palavras ofensivas.

A justificativa para que haja tal distinção é para que cada ação seja tratada da forma cabível, por exemplo, um tráfico de drogas na escola deve ser resolvido pela polícia e a Justiça, e não pelo conselho interno da escola. Da mesma forma um insulto deve ser tratado pelo conselho da escola, ou seja, a incivilidade depende fundamentalmente de um tratamento educativo.

Porém há discussões sobre o que deve ou não ser levado em conta o ato ou o sentimento. Charlot(2002) diz que “É o próprio aluno, e não o pesquisador, que diz o que deve ser considerado como violência.”

Capítulo 2 Mídia, produção de sentidos e a violência escolar nesse contexto

O papel da mídia na nossa sociedade é fundamental, levar em consideração os aspectos sociais e psicológicos das pessoas, pois elas fazem parte do progresso e da globalização os quais são sinais de um país em desenvolvimento. Porém a mídia tem praticado uma violência contra aos menores infratores rotulando-os e relacionando seus atos sofridos ou praticados com os problemas sociais.

Segundo Martin Barbero os meios de comunicação hoje são espaços-chave de solidificação e junções como múltiplas redes de poder e de produção cultural.

Segundo Minayo e Njaine (2002) há diferentes meios de comunicações sendo eles por escrito, por imagens ou por multimídias. Eles provocam mudanças no meio social e institucional como a escola e influenciam o pensamento acerca do tempo e espaço.

“A mídia não cria preconceitos, julgamentos ou verdades, mas absorve o imaginário social, revestindo-o de uma roupagem especial, tecnicamente sofisticada e específica para agradar aos mais diferentes segmentos sociais e aos mais variados gostos.” (MINAYO; NJAINE, 2002, p.286)

Oriol (2001) define a atuação da imprensa em três frentes simultâneas sendo elas: a) o controle que está relacionado com as relações de poder intrínsecas na sociedade com suas diferentes classes econômicas. b) acomodação segundo a idade, sexo, classe social, profissão entre outros. Cada ponto citado decodificará e reinterpretará a mensagem da mídia de uma maneira. c) há a atuação na informação que geralmente está relacionada a interesses das classes médias.

Ao refletir sobre o assunto podemos pensar no papel da mídia em duas instâncias: a função de informar a sociedade sobre os acontecimentos e a de manipular como disse Rebelo(2000) “ essa não é uma narrativa qualquer é a narrativa do jornal, não mais se restringindo sobre “aquilo que se fala”, mas prevalecendo no plano do discurso, “de que se fala” e “por que se fala”.

A forma como se escreve é algo de suma importância para se analisar no artigo de Minayo e Njaine eles comentam a cobertura jornalística a respeito da violência conta as crianças e adolescentes e eles concluem que as matérias estão mais focadas na delinquência que na vitimização.

Na pesquisa “Balas Perdidas”, foi analisado que as classes sociais das vítimas e dos agressores não foram mencionadas, respectivamente em 65% e 79% dos

textos analisados. Os fatos não são diferentes na pesquisa “O grito dos Inocentes- Os Meios de Comunicação e a Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (2003)” os dados são:

- 70% das matérias não indicam a classe social da vítima
- 53% das matérias não mencionam a classe social do agressor,
- Menos de 3% das matérias mencionam religião, raça/cor e etnia

O número de notícias divulgado sobre assassinatos cometidos é muito pequeno quando comparado às taxas de homicídios de crianças e adolescentes. São citados também os noticiários que dão ênfase aos crimes cometidos pelas crianças e adolescentes e não contra elas.

Champagne (1997) diz que “(...) a atenção da mídia, do ponto de vista da imputação do crime são as populações socialmente marginalizadas”. Podemos perceber a relação de poder onde os jornalistas, geralmente da classe média, que estão distantes culturalmente, socialmente e economicamente da realidade dessas crianças e adolescentes.

Nós sofremos com a produção de sentidos da violência sentimos medo e insegurança. Muitas vezes somos controlados por tais sentimentos e o mais interessante que ele não escolhe classe social, etnia ou sexo. Abramovay (2006, p. 16) diz que “as representações e o sentimento em relação às violências variam”.

A violência que está tão presente no dia a dia, vem sendo banalizada. As notícias estão sendo veiculadas pelos meios de comunicação a todo instante e muitas vezes isso produz um sentimento de impotência nas pessoas e consequentemente elas naturalizam tais notícias.

“Essas relativizações são particularmente importantes quando se discute sobre a temática, pois, muitas vezes, esta não surge em nossas vidas como uma agressão real, mas sim como uma espécie de fantasma que nos ameaça todo o tempo e em qualquer lugar. Em outras palavras, nem sempre a violência se fundamenta em crimes e em delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e alma na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e é neste momento que nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres culturais, nos disciplinamos por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções, e não se dá somente em atos e práticas materiais.” (ABRAMOVAY, 2006, p.15)

Um papel que a mídia emprega que não pode deixar de ser colocado é a formação de opiniões da sociedade, visto que os jovens e crianças em particular passam mais tempos em frente a televisão e/ou internet do que fazendo alguma

atividade extra, por exemplo, lendo, brincando, fazendo dever. “Em alguns casos extremos, elas e eles passam mais tempo na frente da televisão do que na escola”, (Feilitzen, 2002, p.439). Essa postura faz com que eles tornem-se escravos dos meios de comunicação e infelizmente muitas vezes alienados. “Mais do que fomentador do comportamento violento, a mídia deve ser entendida como instrumento de controle social que contribui, ou não, para que o Estado assuma seu papel.” (NJAINÉ, 2002, p. 287)

Uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância e Adolescência (UNICEF) em 2002, com 5.280 adolescentes de várias partes do país trouxe como dados 52% dos jovens brasileiros têm a televisão como maior divertimento destacando como os programas favoritos novela e minisséries e em segundo lugar vêm os filmes.

Há muitos autores brasileiros que julgam o tratamento descontextualizado e fragmentado que a mídia aborda em assuntos relacionados a violência praticada por crianças e adolescentes. Njaine e Minayo entre 1997 e 1998 fizeram a pesquisa Análise do Discurso da Imprensa sobre Rebeliões de Jovens Infratores em Regime de Privação de liberdade, elas investigaram 38 notícias sobre fugas e rebeliões de adolescentes em conflitos com a lei. A análise mostrou que 2 periódicos, Jornal do Brasil e O Globo, são jornais que são elitizados, ou seja, atende aos interesses da classe média e alta da população e tratam o tema “infração juvenil” com maior foco na repressão e punição. O jornal O Dia, trás nele um tratamento diferenciado, pois aborda a questão dentro do contexto de outras violências que fazem dos adolescentes ^{as} vítimas.

O estudo acima obteve como conclusão diversos aspectos que encontramos em outras pesquisas com a da mesma temática. Pode-se concluir que o espaço dedicado às notícias sobre os delitos cometidos pelos jovens é significativamente menor do que aquele dedicado a magnitude da violência cometida contra crianças e adolescentes. Há pouca informação nas reportagens analisadas a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) quando se refere a infração juvenil e as medidas de prevenção. As autoras concluem que as notícias que abordaram os fatos de violência em todo seu contexto foram essenciais para que houvesse o esclarecimento da infração e possivelmente contribuíram para a percepção social que se tem desses jovens que muitas vezes são rotulados como bandidos irrecuperáveis enquanto eles são pessoas em pleno desenvolvimento psicossocial.

Outros dados da pesquisa já citada acima “O grito dos Inocentes- Os Meios de Comunicação e a Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (2003)” essa pesquisa analisou 718 matérias publicadas no período de 2000 a 2001 em 49 jornais brasileiros obteve como resultados:

- 67,5% enfatizam o crime sem contextualizar a causa ou citar formas de reduzir a incidência desses casos
- 18,2% o autor mostra interesse em investigar as causas
- 10,5% dizem que é fenômeno social e psicológico não relacionando-os com a ocorrência de atos violentos

Ainda nesta pesquisa 9,7% mencionam políticas públicas como solução do problema dessas

- 5,3% apontam a ausência dessas iniciativas como causa dos crimes sociais
- 8,5% cobram o governo de tais medidas

A ONU em 1998 fez um levantamento acerca dos desenhos animados transmitidos na televisão brasileira e tinha como foco medir a quantidade de violência passada para crianças. E foi tido como resultado que, a cada hora, 20 cenas de violência explícita são assistidas pela tv. 57% se referem a lesões corporais e 30% aparecem mortes.

A psicóloga Mônica Gorgulho, na dissertação de mestrado *Estudo da Influência da Mídia na Representação Social do Usuário de Drogas Ilícitas para a Construção de uma Política Oficial Brasileira*, de 2001, analisou o conteúdo de 3.792 notícias veiculadas na imprensa durante o ano 2000, relacionadas ao uso de drogas e à questão da saúde e obteve como resultado:

- 25,82% delas tratavam do tema da repressão
- 12,68% abordavam os riscos e os danos pelo uso de drogas
- 11,13% tratavam da apreensão de entorpecentes pela polícia.
- 7% tratavam de temas relacionados à saúde.
- 4,36% das matérias abordavam a prevenção

A pesquisa foi realizada no Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID-UNIFESP/EPM), e ficou constatado que o álcool e as drogas são tratados pela mídia como drogas socialmente disponíveis. A autora

afirma em sua pesquisa que a mídia exerce um grande papel na marginalização e afastamento dos usuários dos serviços de saúde, com isso os profissionais da saúde tem seus trabalhos dificultados. Outro aspecto que a autora destaca é o fato da ênfase que se dá aos indivíduos negros e pobres com as drogas abafando o envolvimento de jovens brancos das classes média e alta.

Guerra (1995) em sua pesquisa *Violência Física Doméstica contra Crianças e Adolescentes e a Imprensa*, analisou 2.992 reportagens de 5 jornais do estado de São Paulo e chegou a conclusão de que eles ofereciam pouco espaço aos casos de vitimização, exceto em casos que possuem características cruéis e quando isso acontece, prevalece a criminalização do agressor à proteção ao menor envolvido.

Defronte os tipos de violência citados acima nas páginas dos jornais, nota-se que os meios de comunicação não estão exercendo sua função de controle e fomentação de políticas públicas. Não há um conhecimento aprofundado das mídias em relação à violência, para que então eles possam apoiar ações que ajudem na compreensão histórico-cultural dessas práticas, no atendimento as famílias e na proteção da vítima.

A qualidade do produto midiático voltado para crianças e adolescentes é uma realidade com múltiplos fatores baseados no direito à comunicação, está na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entretanto a legislação brasileira que rege o conteúdo e controle dos meios de comunicação é antiga, escrita em 1962. A Constituição diz que os meios de comunicação não podem sofrer direta ou indiretamente restrições e nela está definido que as emissoras de rádio ou televisão têm o dever de priorizar matérias com produções artísticas, informativas e educacionais, porém esta lei ainda não foi regulamentada.

Existem diversos episódios que fazem com que os meios de comunicação sofram empecilhos para que a Constituição Federal não entre em vigor entre eles está é a concessão outorgada pelo Congresso Nacional que as empresas de radiodifusão necessitam e no Brasil há um sistema privilegiado para essa concessão. Para que as concessões não sejam renovadas, é feito um processo de questionamentos que necessita ter a maioria dos votos no Congresso Nacional, ou seja, a concessão de um bem público fundamental tem grande chance de ser usada como instrumento político. É necessário mostrar neste tempo que neste contexto há um fato que agrava mais a situação ainda, pois existem diversos parlamentares que possuem alguma ligação com os familiares ou penas são próximos de tais empresários da rede de comunicação.

Outro fator que tem dificultado cada vez mais o debate desta questão é a visão de que o controle de qualidade do conteúdo midiático é uma censura. Este argumento é o mais usado pelas empresas de telecomunicações para que não haja a discussão do controle de qualidade. Com isso a sociedade fica sujeita a diversas consequências sendo elas: o empobrecimento cultural, a falta de respeito as peculiaridades regionais e a dependência cada vez maior das propagandas.

Os meios de comunicação não são responsáveis diretos pela violência e suas manifestações, eles podem e devem representar um papel central em uma ampla articulação de esforços para o enfrentamento do problema. Pois como já dissemos acima as temáticas que a mídia perpassa gera um impacto muito grande na sociedade. A abordagem na mídia escrita e falada dos casos violentos dentro do contexto de causas danos físicos, morais e emocionais e a apresentação de soluções que a auxiliem a promover ambientes mais saudáveis para os menores, essas ações protetoras são importantes. A forma de representação da violência que afeta crianças e adolescentes em particular deve passar por questões mais profundas como diversidade cultural, social, étnica, de gênero entre outras.

A sociedade nunca teve acesso tão facilitado a informações como nos últimos anos este fator gerou aspectos positivos como clareza e conforto à vida das pessoas como também trouxe distanciamento. Carvalho et al (2012) diz que “A informação produzida ficou muito mais rápida, plural e acessível, mas também confundiu os critérios de prioridade, seleção e de estabelecimento de espaços.”

A mídia transforma ,muitas vezes, a informação em produto e expõe os crimes repetitivamente nos noticiários colocando agressores e criminosos como celebridades. Rondelli (1996) diz que o modo como a mídia apresenta os crimes, os criminosos, os praticantes, suas vítimas e os lugares onde eles ocorreram pode estar relacionado a dois pontos:

- associações entre crimes e pobres, ou seja, afirmação de que todos os pobres são criminosos em potencial e devem ser evitados ou quem sabe eliminados;
- banalizações do crime e da violência, de modo a que nos tornemos cada dia mais insensíveis às suas ocorrências, julgando-as naturais.

Rondelli (1996) diz que “É certo que violência e crime vendem notícia, trazem leitores para os jornais e audiência para as emissoras de televisão que os

tomam como elemento de disputa de telespectadores.” O mais importante do que a natureza e a proporção do crime é a potencialidade de gerar imagens.

Bourdieu diz que a guerra de audiência e a busca imprudente pelo furo jornalístico produzem "uma representação do mundo preñe de uma filosofia da história com sucessão absurda de desastres sobre os quais não se compreende nada e sobre os quais não se pode nada" (BOURDIEU, 1997, p.141).

Carvalho, Freire e Vilar (2012) dizem que para a mídia a violência cria e mantem significados. A realidade e o sofrimento apresentada confrontada a indignação, aflição, piedade reforçam as características dos cidadãos comuns que julgam-se corretos e/ou generosos conforme o que lhe for conveniente.

“A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer “ainda bem que não aconteceu comigo”. Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos.”(CARVALHO et. al. 2012)

Num primeiro momento, os meios de comunicação não são um espelho da realidade e em seguida percebe-se que os limites dos efeitos sociais produzidos pela violência na mídia, são na verdade consequência de conflitos e disfarce de uma sociedade desigual.

“É impossível passar os olhos por qualquer jornal, de qualquer dia, mês ou ano, sem descobrir em todas as linhas os traços mais pavorosos da perversidade humana [...] Qualquer jornal, da primeira à última linha, nada mais é do que um tecido de horrores. Guerras, crimes, roubos, linchamentos, torturas, as façanhas malignas dos príncipes, das nações, de indivíduos particulares; uma orgia de atrocidade universal. E é com este aperitivo abominável que o homem civilizado rega o seu repasto matinal.” (BAUDELAIRE, 1860, apud SONTAG, 2003: 89-90)

A modernidade proporcionou que pudéssemos ver de perto ou de longe a dor dos outros. Os meios de comunicação veiculam imagens e falas que transmitem situações de extrema miséria e desamparo, atentados entre outros fatos fatídicos. Essas notícias violentas virou um mecanismo de obtenção de audiência e conseqüentemente do aumento dos rendimentos financeiros às diferentes formas de mídia.

“A violência enquanto objeto de produção de notícia, é ressaltada pelos agentes da comunicação, como o fator de maior audiência e comercialização nos jornais. Em nome do lucro se justifica práticas sensacionalistas, como pode se observar nos discursos abaixo destacados: “a violência representa 35 a 50% da importância do jornal, pois as pessoas se interessam e vão comprar”; “tem que ser um tipo de violência que seja alguma coisa fora do normal que choque a sociedade, que atinja a sociedade, que seja incomum”. (RIFIOTIS, 1997)

Há programas televisionados como “Aqui Agora” que funciona como nos transmite de um tribunal, ou seja, levanta os fatos, sentencia e julga. Tais

programas constroem uma justiça e ética própria paralelas as que de fato são válidas diferente das policiais e jurídicas. O horário que os programas são transmitidos são calculados, por exemplo, a Globo e o SBT têm públicos com perfis sócio-econômicos diferentes, ricos e pobres, com isso são diferentes programas voltados para cada classe. Rondelli (1996) diz que “Isto mostra que a televisão tem uma fórmula já pronta para diferenciar segmentos e operar construções imaginárias e identificatórias sobre ricos, pobres e suas respectivas estigmatizações.”

Bourdieu diz que a televisão pratica uma forma singular de violência simbólica e esta nada mais é para esse autor uma violência que acontece com a convivência dos que a sofrem e dos que a praticam. “uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la” (BOURDIEU, 1997,p. 22)

Segundo Rabaça e Barbosa o jornal impresso é o principal meio de comunicação da linguagem escrita. É tido como uma mídia seletiva, pois como diz Tahara se destina em informar, analisar e comentar fatos para segmento específico da população. E neste trabalho de conclusão de curso o meio de comunicação utilizado para análise de reportagens é o Jornal Estado de São Paulo.

Capítulo 3 O Jornal “Estado de São Paulo”: e as notícias sobre violência escolar.

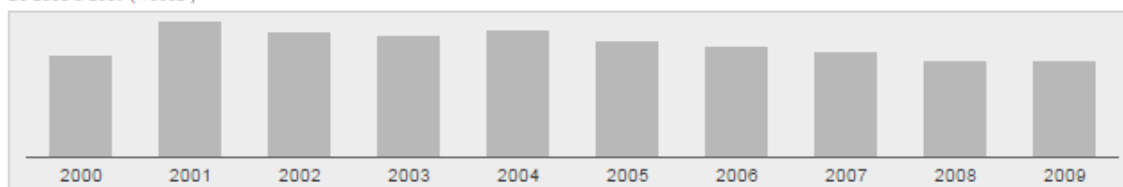
A parte central da pesquisa está neste capítulo que terá como conteúdo as análises das notícias selecionadas do Jornal Estadão que desenrolaram a questão da violência e suas três vertentes tomando como base teórica Charlot que define essas vertentes como violência na escola, violência da escola e violência à escola.

Inicialmente a pesquisa tinha como palavra chave a violência escolar, mas no desenvolvimento da mesma houve um questionamento a respeito da sua real eficácia e foi decidido junto com a orientadora a mudança da palavra chave para escola. Com isso a pesquisa pode selecionar melhor as notícias que vão ser analisadas a seguir.

A nova palavra chave gerou gráficos e a partir deles foram selecionados os períodos sendo eles os anos de 2000, 2001 e 2010. Foi determinado quatro tipos de classificação para as notícias sendo elas: Políticas Públicas ou a falta dela, violência na escola, violência da escola e violência à escola.

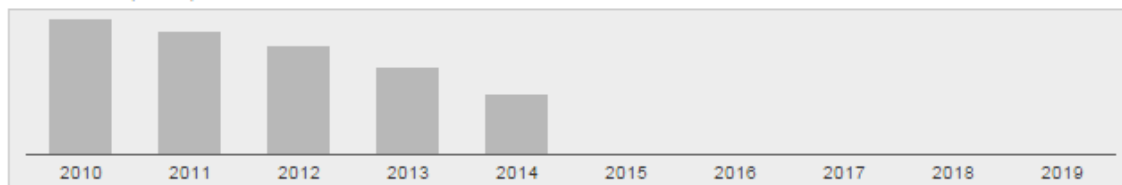
3.1 Gráficos

De 2000 a 2009 (78802)



Os anos que serão analisados são os de 2000 e 2001. Nota-se que comparado a todos os outros anos o ano de 2001, que possui exatamente 9377 notícias, é o ano de ápice. E o ano de 2000 que possui 7100 notícias está entre os que apresentam um número menor de notícias neste período.

De 2010 a 2019 (29854)



O ano de 2010 comparado aos outros anos deste período é o que possui incidência maior a respeito das notícias relacionadas com a escola. Este ano conta com 7827 notícias.

3.2. Políticas Públicas ou a falta dela: análise das notícias dos períodos

O objetivo de toda nação é garantir o direito a educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte entre outras coisas e as políticas públicas aparecem com a meta de tornar possível isso para todos os cidadãos criando programas/projetos que garantam o acesso a tais direitos. Neste capítulo será feito uma análise das reportagens que abordam políticas públicas para a diminuição da violência.

A primeira notícia está datada em 30 de Abril de 2010 na página da infância tem-se uma página inteira para relatar a eficácia do programa criado para tirar crianças do garimpo com o título: Programa usa escola para tirar crianças do garimpo. A reportagem ocupa uma página inteira do jornal e traz com elas elementos como depoimentos, cita a parte histórica de como nasceu o programa e também trás informações a respeito do lugar em que está situada a escola.

A reportagem trata, em suma , sobre a violência contra a criança, ou seja, o trabalho de crianças no garimpo que impossibilita que as crianças frequentem a escola o que está previsto em lei: “Capítulo IV Art. 53 V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.” (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2010, p.41)

O programa vem como uma política pública para garantir um direito que já está estabelecido em lei e trás com ele a importância de crianças estarem na escola para que elas possam desenvolver-se socialmente e cognitivamente. A reportagem faz um comparativo de como era a escola antes do projeto, e uma das exigências para a implementação do Programa foi uma reforma nas instalações da escola. Pois uma escola sem condições físicas para receber seus

alunos está cometendo uma violência para com eles, demonstra descaso com os alunos e com suas necessidades básicas, podemos chegar a conclusão que os mentores do projeto notam essa importância. e uma escola com boas instalações que proporcionam um ambiente o bom desempenho do projeto.

“A estrutura física das escolas também afeta o ambiente escolar. Em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e grades. Significativa parcela dos alunos criticam a qualidade do ambiente físico, principalmente as salas de aula, corredores e pátios.”(ABRAMOVAY, 2002, p. 31)

Outra notícia de uma Quinta feira 20 de Dezembro de 2000 na página Seu Bairro tem como manchete: De foco de violência à escola de qualidade. A reportagem tem um apelativo visual grande, pois as figuras são comparativos de antes e depois o que leva o leitor a constatar a real evolução da escola.



Antes de iniciado o projeto, móveis eram pichados e destruídos



Pichações nas paredes foram substituídas por desenhos de alunos

Já nestas fotos podemos perceber que a primeira coisa que foi necessária mudar foi a parte física da escola que segundo Piaget tem grande influência no comportamento e desenvolvimento dos alunos.

“O desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento” (PIAGET apud KRAMER 2000, p. 29)

A escola pode ser nocivas em seus comportamentos violentos sejam eles simbólicos ou concretos. A escola é um ambiente cuja necessidade de acolher os alunos e fazerem eles se sentirem bem é o primeiro passo para que haja uma harmonia na escola. Segundo Abramovay a escola precisa ser um ambiente amistoso que prevaleça e possibilite um diálogo aberto com os alunos e funcionários.

“Mudanças na administração, na organização e na estrutura física da escola, tornando-a mais segura e conservada; criação de um ambiente mais amistoso e de cooperação onde prevaleça um clima de entendimento e diálogo entre os alunos, pais professores e diretoria; estabelecimento de vínculos com a comunidade proporcionando atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer; e iniciativas à participação dos pais e familiares no convívio escolar, são exemplos gerais de medidas que visam o “desarmamento” da violência.”(ABRAMOVAY apud BURLAMAQUI, 2003, p.10510)

A notícia possibilita que o leitor encontre exemplos de como poderia ser trabalhado a questão da violência por meio das condições da escola na perspectiva da melhoria da infra estrutura e seus benefícios para todos da escola e comunidade.

Destacando-se outra notícia datada de, 14 de Março de 2001, quarta-feira na página Cidadania tem como manchete Projeto UNICEF tira 13 mil crianças de lixões. A notícia trás com ela inicialmente dados de programas que deram certo e que conseguiram reduzir o número de crianças nos lixões.

Esta notícia traz com ela a mesma vertente já comentada que é a respeito da violência contra a criança impedindo-a de estudar para trabalhar de condições precárias neste caso em particular em lugares sujos onde estão sujeitas a doenças comprometendo assim a integridade física e biológica da criança.

O Projeto UNICEF aparece de forma a garantir que essas crianças parem de ajudar seus pais para que possam estudar, porém é um projeto completo, pois o maior motivo das crianças trabalharem em lugares precários como este é ajudar financeiramente dentro de casa e ao tirar essas crianças do trabalho o Projeto garante o cadastramento da família no Bolsa Escola e também estimulam os pais a unirem-se em cooperativas de catadores de lixo e/ou selecionadores de lixo. É um programa que surge para efetivar o direito das crianças em estudar e privá-la da violência que direta ou indiretamente é a sociedade que prática e também de estruturar o negócio da família.

A marginalização não é algo focado apenas nas das crianças e sim de toda a sua família. Costa coloca que um dos fatores é a falta de estudo colocando os pais em trabalhos com baixa remuneração e muitas vezes péssimas condições de trabalho devido a sua desqualificação profissional e muitas vezes o analfabetismo dos mesmos.

“A desqualificação profissional dos pais, geralmente analfabetos, leva-os a serem inseridos na categoria de trabalhadores com baixa remuneração ou sem remuneração fixa, tornando-os, conseqüentemente, não consumidores, numa sociedade que leva em conta o que e o quanto você consome como parâmetro para fixar sua existência e posição social.” (COSTA, 2004, p. 1)

3.3 Violência escolar de acordo com o jornal

Neste capítulo será feita análise de notícias a respeito de violência que aconteceram dentro do âmbito escolar. Devido ao vasto número de notícias foi feito uma sub classificação das notícias em Agressão de alunos contra alunos de alunos contra professores e agressão contra os alunos para que o leitor pudesse compreender melhor as análises feitas.

3.3.1 As notícias sobre agressão de alunos: contra colegas e contra professores

A primeira análise está datada de 2 de Outubro de 2000 na página de Educação. Esta página conta com cinco notícias ao todo sendo quatro delas a respeito da temática violência escolar.

A primeira notícia a ser analisada tem como slogan “Violência dentro da escola desafia professores”. Na notícia há relatos de violência como depredações, furtos, pichações, brigas. E tais relatos são abordados no texto “vitimizando” os professores, esquecendo que o problema está no contexto em que aquela escola está e a diversidade de alunos que possui. Há um relato de uma aluno que fala sobre a postura agressiva dos professores justificando assim os atos de violência contra eles. Tais professores não sabem como agir com seus próprios alunos e ao invés de usarem do seu trabalho para desenvolver projetos que possam diminuir o número de incidência de violência eles estão se restringindo a lamentações.

Uma frase me chamou a atenção nesta notícia “Ou ela muda, ou o menino não vai ficar” se referindo ao modelo pedagógico arcaico adotado na escola. Como já dito acima a escola deve ser um lugar que possibilite ao aluno vivenciar e entender sua realidade, ou seja, é o lugar em que o professor deve trazer conhecimentos significativos partindo da realidade dos alunos, conhecendo seus alunos. Para então poder ver resultados no comportamento e construção de pensamento dos alunos. O que se espera é uma escola que possa trazer mudanças para que possa contribuir para a melhoria da sociedade com diz Carvalho e Schram.

“Queremos sem dúvidas, que a escola possa, com seus educadores, trazer as mudanças desejáveis para uma sociedade justa e igualitária. Isso não será possível se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade.” (CARVALHO; SCHRAM, p.2)

A segunda notícia referente a esta página é “Garoto de 10 anos tem medo de colegas”. A reportagem fala sobre a reclamação de uma mãe sobre agressões que o filho está sofrendo na escola e o diretor da escola diz que são apenas briguinhas e justifica os atos como um problema de bloqueio com relação ao conhecimento.

Podemos perceber que temos dois tipos de violência na escola: entre os alunos e da direção com o aluno. O diretor está negligenciando um fato que provavelmente não é trabalhado na escola. Sua postura em relação a este fato é

extremamente preocupante, pois o cargo dele é para administrar os problemas da escola e criar soluções para os mesmos o que, aparentemente, não tem sido feito. Nota-se que a negligência impede que o assunto violência seja discutido como diz Sposito impedindo que haja um momento pra a discussão da violência e suas várias faces.

“A banalização da violência, tema a ser retomado em outro momento, produz consequências importantes no âmbito da unidade escolar ao estruturar formas diversas de sociabilidade que retiram o caráter eventual ou episódico de determinadas práticas de destruição ou de uso da força.” (SPOSITO, 1998, p.5)

A terceira reportagem desta página leva como manchete “Ameaçada Flávia decide deixar profissão”. Esta notícia é um relato sobre uma tentativa de agressão física contra a professora e uma violência simbólica também, pois o aluno ameaça à mesma a morte. Há trechos da reportagem que conta que só acabou “o período de terror” como citado na notícia quando o menino abandonou a escola.

Como diz o Schilling o medo e a insegurança são dois sentimentos que estão presentes no dia a dia da comunidade devido o alto índice de violência e estes sentimentos estão presentes na escola também neste caso no professor, mas existem diversos casos em que os alunos e familiares estão amedrontados com a violência na escola e na comunidade.

“A sucessão sem fim de casos que se apresentam no cenário urbano cria a sensação profunda de insegurança e medo, provocando um retraimento generalizado das pessoas que se cercam em suas casas, abandonando em maior ou menor medida os espaços públicos.” (SCHILLING,2004, p. 96)

O que chamou a atenção na reportagem que o problema só foi “resolvido” quando o aluno que fazia ameaças parou de frequentar a escola o que nos faz refletir sobre o que foi feito deste menino que futuramente vai ser um homem, um cidadão e o mais importante o que poderia ter sido feito com ele para que as ameaças cessassem e para que o menino continuasse na escola.

A escola tem o papel de informar, de criar projetos para que os problemas sejam expostos e estudados pelos alunos. Para que eles possam apropriar-se do que é a violência em suas várias formas e entenderem a consequência que a mesma pode causar na vida das pessoas.

E a mídia exerceu um papel de expor a notícia de forma sensacionalista colocando apenas o problema, dando ênfase na violência exercida por um menor podendo causar então mais medo e insegurança nos leitores deste jornal. Como dizem Martin Barbero (2003), Minayo e Njaine (2002) que a imprensa produz e reproduz as inseguranças, dando muito mais ênfase a ou exacerbando fatos que possuem uma complexidade que é tratada de maneira superficial.

A quarta reportagem desta página é “Aluno empurra e esfrega cuspe na boca da professora de história”. A agressão foi feita por um maior de idade que foi denunciado pela professora, porém ele não foi punido e foi pedido transferência de escola. Temos dois pontos importantes PUNIÇÃO e TRANSFERÊNCIA. Que tipo de punição seria cabível nesta situação, acredito que punição é um termo muito forte vamos pensar que medidas socioeducativas possíveis neste caso, a postura da escola diante de um fato deste mostra o quanto ela está despreparada para lidar com algo que como já dito antes está infelizmente cada vez mais presente no nosso dia a dia e que ao pedir transferência do aluno está literalmente transferindo o problema para outro espaço.

A insegurança dos professores é transmitida para os alunos em suas ações e reações e isso ocasiona sentimentos diversos nos mesmos. E impede que os alunos possam ter contato com a temática de forma ampla e aberta podendo causar então futuramente cidadãos inseguros e amedrontados ou até mesmo os agressores físicos ou simbólicos de um futuro próximo.

A próxima notícia está data em 2 de novembro de 2000 e tem como manchete “Trote leva desligamento de 4 aprendizes”. A notícia se deu graças a fotos tiradas mediante ao trote praticado pelos alunos e entregues ao diretor que, segundo ele, não queria que esses jovens saíssem de tal forma o desejo dele é que saíssem formados, porém como foi um ato muito grave considerado por ele foi feito o desligamento dos meninos da escola. Ao serem questionados a respeito do trote os jovens disseram que era costume isso na escola os veteranos sempre faziam isso com os calouros. Nijaine e Minayo tem uma ótima postura a respeito desta situação que já foi citada acima tirar as pessoas do convívio irá trazer o que como benefícios? É preciso refletir a respeito disso para que a escola não banalize a violência seja ela física ou simbólica.

“A perplexidade que segue à idéia de “extirpar a pessoa violenta” do convívio, dá conta de levantar a amplitude do fenômeno, pois os estudantes constataram que o ambiente violento ultrapassa a responsabilidade de um indivíduo: ele é mais complicado. Por isso, sua reflexão aprofunda alguns propósitos mais positivos que podem ser assim resumidos: acolher o jovem e dialogar com ele; melhorar o ambiente da escola; trabalhar os problemas de forma alternativa; melhorar os laços de convivência” (MINAYO, NIJAINÉ, 2003, p. 132)

A reportagem a ser analisada agora está datada de 4 de setembro de 2001 na página de Segurança do jornal e tem como manchete “Aluno fere professora em sala de aula no ABC” a notícia relata que um adolescente de 13 anos levou uma arma para a escola, pois estava sofrendo ameaças de um outro aluno e

devido motivos diversos não encontrou com o outro aluno resolvendo então atirar nas costas da professora de português na frente de 30 alunos.

Este é um caso de agressão de uma gravidade inquestionável, pois houve uma violência física contra a professora e uma violência simbólica aqueles que presenciaram o fato e a todos os envolvidos na escola e comunidade. Neste caso não é citado na reportagem, mas com o prévio conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) podemos afirmar que este menino irá sofrer medidas socioeducativas julgadas pelo juiz para que ele seja penalizado pelo ato, terá acompanhamento psicológico e pedagógico para que ele possa ser como diz Francischini e Campos responsabilizado por suas ações e para que ele entenda a proporção de suas ações e que ele possa após cumprir sua medida socioeducativa sair com uma postura de uma cidadão consciente.

“Várias são as expressões empregadas para referir-se ao efeito desejado do trabalho com o jovem em conflito com a lei, em cumprimento de medidas socioeducativas, particularmente em privação de liberdade. Parte do aparato legal do Estado, a partir da promulgação do ECA, significam, essas medidas, uma chamada à responsabilização dos jovens, em face da transgressão cometida.” (FRANCISCHINI; CAMPOS, 2005, p. 267)

3.3.2 Agressão contra alunos

A primeira reportagem está datada de 11 de Abril de 2010 na página de Cidades/Violência e leva como título: Bebê sai de escola com fraturas e hematomas. O próprio slogan é chocante da reportagem e intrigante, pois relata apenas que o bebê saiu com lesões corporais e que está no hospital em cuidados médicos.

Primeiramente notamos que houve uma violência física contra a criança e houve uma violência contra a mãe também. A reportagem não contextualiza o acontecimento nem tampouco esclarece ao leitor a respeito dos motivos que levaram a criança a tais lesões e que medidas serão tomadas para que isso não ocorra novamente.

O intrigante é que quando surge um assunto como esse, polêmico, normalmente as instituições envolvidas se manifestam para que haja o esclarecimento dos fatos e para que os culpados sejam devidamente responsabilizados pelo ato com isso temos uma outro tipo de violência agora contra a sociedade que teve acesso a uma notícia tão chocante e que não teve uma contextualização para poder apurar os fatos. Violência esta exercida pelo jornalista que escreveu está pequena notícia e pela instituição que não se manifestou para que pudesse se esclarecer.

Leffa (1999) diz que “ler é olhar uma coisa e ver outra”, ou seja, a leitura ela nos permite ver as situações não direto da realidade, mas por intermediações de outros elementos, são eles a contextualização do que lemos tem. É a partir da contextualização que podemos ver e pensar a respeito de coisas que aconteceram e isso é prejudicado quando nos deparamos com notícias que são vazias de informações, que permitem a naturalização do acontecimento por falta de detalhes.

A segunda reportagem esta datada em 23 de Novembro de 2010. A notícia está localizada na página Vida/Infância e tem como título Professora morde bochecha de aluno.

A notícia não é rica em detalhes, mas possibilita que o leitor entenda a forma como se deu a violência e as providências que estão sendo tomadas. A professora alegou que a mordida foi para separar uma briga que estava acontecendo entre crianças de 6 anos de idade em uma escola particular. A escola não deu muitas informações apenas informou que dispensou a professora de seus serviços e ela esta aguardando julgamento em liberdade.

Essa violência ocorrida na escola, contra uma criança de 6 anos é de causar espanto, pois neste caso existe uma enorme diferença de força e tamanho deixando a criança vulnerável a qualquer atitude vinda da professora. Como diz a Santos (2001) devemos nos atentar a relação de poder que existe entre a relação professor/alunos. O interessante é que a escola reconheceu a violência e dispensou a professora do cargo que exercia dentro da escola.

“Devemos sempre estar conscientes, ao analisar o fenômeno da violência na escola, de que estamos em face de uma relação professor/aluno, na qual este está desfavorecido em uma relação de poder, pois a violência, ao contrário do senso comum que criminaliza o infante, produz vítimas justamente entre as crianças e os adolescentes.”
(SANTOS, 2001, p. 105)

Ao pensar mais a fundo nesta reportagem podemos notar que houve uma violência simbólica com os outros alunos que estavam na sala e que presenciaram a agressão da professora é necessário pensar que providências serão tomadas para o auxílio dessas crianças que indiretamente também sofreram a violência. Novamente entramos no assunto do quão importante é o trabalho deste tema na escola para que as crianças possam ter acesso e refletir melhor sobre os atos violentos que as acercam.

3.4 Violência da escola

Como já dito acima, foi feita uma separação das notícias, e neste capítulo em particular será tratada a violência da escola. Violência essa que a escola, como instituição, exerce.

A primeira notícia a ser analisada está datada de 9 de Fevereiro de 2000 na página Geral/ Educação. A reportagem tem como título Escola Municipal inicia ano sem carteiras e docentes. O próprio início da reportagem já é de grande preocupação, pois o mínimo que se espera de uma escola é que tenha professores e quando começamos a ler a matéria vemos que o problema é ainda maior e a solução para o mesmo um tanto quanto preocupante. A repórter relata que na escola está faltando carteiras, professores e merenda, essas informações foram passadas pela direção que comunicava aos pais na porta da escola sobre a redução da carga horária de 4 horas para 2 horas devido aos déficits que a escola apresentava no momento. A Secretária da Educação informou que até o final da semana os problemas seriam sanados.

Esta notícia é um caso de violência da escola para as crianças que não tem condições mínimas de educação a qual é um direito das mesmas segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente e para os pais das crianças matriculadas que terão que esperar o prazo dado a eles pela Secretaria de Educação e vão ter que adaptar sua rotina à necessidade dos filhos visto que muitos pais deixam as crianças na escola para poderem trabalhar.

A causa do problema é a falta de organização pública no caso dos professores que não foram efetivados a tempo do início do ano letivo, da falta de compromisso com a compra a merenda e da entrega no prazo das carteiras. A ausência desses pontos destacados afeta diretamente as crianças, o primeiro contato que muitas crianças tiveram com a educação escolar foi feita de forma nada responsável e violenta. Feriu os direitos da criança que como diz na Lei [Nº 12.796, de 4 de Abril de 2013](#) no Art. 31 III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral. A escola, para minimizar os erros cometidos, propôs uma medida que vai contra a Lei a qual deve ser respeitada caso contrário é melhor que seja adiado o início do ano letivo que deve ser repostado no decorrer do ano, para que as crianças possam aproveitar de tudo que a escola precisa oferecer para que haja um bom desenvolvimento cognitivo e social. O artigo 24 da Lei nº 9394/96 reza em seu inciso I: Art. 24. “a carga horária mínima anual será de

oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar (...)"

A segunda reportagem está datada de 13 de Abril de 2000, localizada na página de Justiça com o seguinte título: Escola terá que indenizar o garoto. A notícia relatou um fato que ocorreu na sala de aula que foi solucionado perante a justiça. Uma professora não permitiu que o aluno fosse ao banheiro depois do intervalo e como solução o aluno urinou em uma garrafa de água dele. Temos dois tipos de violência a primeira é da escola no caso representada pela professora que impediu que o aluno fosse ao banheiro, segundo o juiz foi violado a dignidade e o respeito que deveria merecer o aluno e a segunda foi que a ação da criança desencadeou uma série de apelidos maldosos, ou seja, os alunos começaram a exercer bullying sobre o garoto que fez com que o aluno pedisse várias vezes para mudar de escola, mas foi impedido pela mãe. E segundo pesquisas de Almeida e Cardoso (2009) o bullying pode ter consequências graves no futuro dos indivíduos que as sofrem e os que a praticam. E cabe a escola fazer a mediação desses conflitos para que o tema possa ser discutido e refletido em todo o âmbito escolar.

A terceira reportagem datada de 12 de Fevereiro de 2010 na página de Educação/Justiça tem como título: Escola é condenada a indenizar mãe e aluno. É uma reportagem curta sem muitas informações e tem como problema central a recusa de uma escola da matrícula de uma criança portadora de HIV. A justiça exige que a escola pague uma quantia em dinheiro por danos morais. Apesar da notícia não ser extensa é possível fazer algumas reflexões a escola não pode negar a matrícula de uma criança julgando uma característica do aluno, pois isso é preconceito. Como fez Aquino:

"A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social [...] e é fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar e, por vezes, de caráter elitista. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença, que é muito presente no cotidiano brasileiro."(ITANI apud AQUINO,1988, p.120)

A escola tem o dever de criar estruturas para que essa criança entre em uma sala de aula e seja bem recebida e bem aceita pelo meio. É importante que o tema seja tratado sempre preservando a imagem da criança, não expondo-as, mas infelizmente a escola ela perde muitos momentos os quais as crianças poderiam discutir temas que estarão presentes no dia a dia, afinal é está uma das funções da escola preparar para a vida.

3.5 Violência à escola

Será feita a última análise neste capítulo sobre a violência à escola do Jornal Estadão de notícias que foram selecionadas para serem relatadas neste espaço.

A primeira reportagem datada de 2 de Novembro de 2000 na página Osasco tem como título: Programa busca soluções para depredação. A notícia relata que a escola tem marcas do vandalismo como: vidros quebrados, pichações, marcas de balas no portão principal entre outras marcas. É destacado o contexto em que a escola está inserida em uma rua a qual não possui nome onde casas de alvenaria e barracos tomam cada vez mais espaço. A visão que se tem da escola também é relatada, a escola foi construída em um campo de futebol, o único lugar em que se tinha lazer naquela comunidade ao perguntar para os alunos eles confirmam que a escola tomou o único espaço que eles tinham. A partir deste relato podemos refletir um pouco sobre as possíveis causas de tais depredações que possivelmente advém da falta de importância que a escola representa para a comunidade. A visão que é construída sobre o que é escola, sobre o que fazer na escola é fundamental para que a comunidade, os alunos, professores possam dar importância para o espaço físico representado aqui pela escola. Como já falado o meio que a escola representa é de grande influência da aprendizagem das crianças como diz Oliveira:

“O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. A influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante.” Oliveira (2000, p.158)

A segunda notícia está datada de 23 de Junho de 2001 localizada na página de Cidades/ Administração e leva como título “CPI vê indícios de superfaturamento em escola”. Há relatos que houve inspeções em escolas e em particular a que aparece na reportagem foram constados vários superfaturamentos em produtos como luminárias e também houve compra de materiais de qualidade inferior com um preço muito acima do mercado. Temos vários tipos de violência nesta notícia e várias pessoas sofrem essa violência desde os funcionários até a comunidade, pois um dinheiro que deveria ser empregado para que os alunos, professores e a comunidade desfrutassem de um bom ambiente físico e pedagógico está sendo usado indevidamente por alguns gestores. O dinheiro de impostos que a sociedade paga não está tendo o destino correto, os gestores que estão usando indevidamente o dinheiro direcionado a educação estão violando os direitos da criança, tornam o trabalho

do professor precário com as más condições físicas e pedagógicas e a sociedade que paga e desfruta da escola está sendo enganada.

A terceira reportagem está datada de 2 de Dezembro de 2001 na página de Cidades/Transportes e tem como título: “Ladrões levam de escola R\$ 25 mil em aparelhos”. Nesta notícia é relatado que um adulto e dois adolescentes foram pegos depois de assaltar uma escola cometendo violência física contra a caseira e suas filhas, levaram vários aparelhos eletrônicos. Temos então a violência exercida nas mulheres que estavam no local e uma violência contra a escola e seus integrantes, foram tirados da escola aparelhos que são utilizados para que os alunos, professores e funcionários usem como ferramenta para aprendizagem. E temos também que analisar as pessoas que foram os protagonistas desta violência, na reportagem diz que os adolescentes foram encaminhados para o SOS Crianças. A notícia por ser pequena não trás detalhes sobre o ocorrido e muito menos sob o contexto em que esses adolescentes estavam, o que chama a atenção é o fato de estarem acompanhado de um adulto que foi detido na delegacia.

Na LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Título I Art. 4º diz que “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”

Ou seja, este adulto tem grande responsabilidade por esses adolescentes era dever dele não influencia-los ao ato infracional e tampouco leva-los a pratica de algum ato que infrinja as leis.

Considerações finais

Quando se olha a escola na perspectiva da temática violência pode-se notar que será possível notar diversas manifestações de violência, seja ela da escola, na escola ou à escola. Neste trabalho em especial focamos em como essas 3 vertentes da violência são colocadas em jornais, em especial o Jornal do Estado de São Paulo. Tendo como principal objetivo estudar as concepções de violência escolar que a imprensa estabeleceu.

O acervo online do Jornal do Estado de São Paulo foi consultado com a palavra chave: escola o que permitiu que a pesquisadora pudesse selecionar o período escolhido para as análises. E ao fazer a classificação das notícias em: Políticas Públicas ou a falta dela, Violência na escola, Violência à escola. Pôde perceber que o número de notícias sobre violência na escola contava com exatamente 48 notícias e nesta categoria notamos que o número de incidência de notícia de violência contra o menor era inferior a da quantidade de relatos da violência executada por ele. E algo mais intrigante foi que o número de notícias a respeito de violência da escola foi mais reduzido ainda contando com apenas 3 notícias que relatavam uma violência exercida diretamente da escola. Ao se tratar de políticas públicas foi encontrado 8 notícias que deixavam evidente tais tipos de violência e todas elas eram a respeito de um programa instalada para que a violência contra os menores seja elas privação da educação, privação de liberdade entre outras fossem combatidos. E ao sobre violência à escola foram classificadas 8 notícias as quais estavam presentes termos como vandalismo, depredação, assalto. Tais notícias tinham como conteúdo a agressão a parte física da escola como assaltos, má estrutura, incêndios entre outras ações violentas a maioria ações realizadas por um indivíduo da comunidade que não pertence diretamente da escola.

A partir das análises feitas pode-se notar como os autores das notícias enxergam a situação de violência, expondo a notícia muitas vezes sem um contexto social, histórico para que o leitor pudesse tomar conhecimento do ocorrido e a falta de contextualização retratam os menores envolvidos como delinquentes marginalizando-os da sociedade e provocando medo, insegurança nos leitores por falta de informação. Como dizem Martin Barbero (2003), Minayo e Njaine (2002) que a imprensa produz e reproduz as inseguranças, dando muito

mais ênfase a ou exacerbando fatos que possuem uma complexidade que é tratada de maneira superficial.

É importante destacar também a postura da escola diante desses diversos casos de violência que foram citados. Notamos que muitas vezes a solução foi expulsão ou a, transferência. Enquanto na verdade o papel da escola é informar e, discutir. É importante fazer um trabalho com todos os alunos, funcionários e comunidade para que a temática seja discutida para que os alunos, funcionários e comunidade se conscientizem sobre o tema, a escola não pode esperar algum delito acontecer para que então comece a tomar medidas preventivas.

Violência é um tema corriqueiro em nossa sociedade e a escola precisa disponibilizar para os alunos, funcionários e comunidade o conhecimento, e a discussão de temas transversais neste caso violência. Por que a escola também age de forma violenta com seus alunos, funcionários e/ou comunidade e ao propor a discussão da temática podemos prevenir os 3 tipos de violência, pois a violência na escola será problematizada pelos alunos, a violência à escola será combatida com o sentimento dos alunos, funcionários e comunidade pela escola de zelo que será construído em discussões e a escola estará em constante formação se policiando para que não exerça violência.

A pesquisadora buscou esta temática, pois desde o começo do trabalho observou via a importância que este assunto possui para a sociedade e enxerga importância de que as pessoas cada vez mais pesquisem sobre a temática e seus múltiplos aspectos. Tornando possíveis diferentes análises que se integram para que o entendimento da temática seja cada vez mais claro e mais presente em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, M. (2005). Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO no Brasil. Disponível em : <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf> . Acessado em 22 de Jul de 2014.
- ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. G. Caleidoscópio das Violências nas Escolas. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, M. et al. Escola e violência. Brasília: Unesco, 2003.
- ABRAMOVAY, Miriam Violências nas escolas/ Miriam Abramovay et alii -Brasília : UNESCO Brasil, REDE PITÉGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ALMEIDA, S. B., CARDOSO, L. R. D., & Costac, V. V. (2009). Bullying: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia Argumento*, 27(5),201-206.

ARAUJO, C. Aluno fere professora em sala de aula no ABC. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo.04.set.2014. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010904-39403-nac-29-cid-c2-not/tela/fullscreen>. Acessado em 07.nov.2014.

ARENDDT, H. "Compreensão e política". In: A dignidade da política. Rio de Janeiro: Ed. Relume- Dumará, 1993. p. 39. Doravante apenas DP, seguida da página de referência.

AVANCINI, M.; CAFARDO. R. Aluno empurra e cuspe na boca da professora de história. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 02.out.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001002-39066-nac-0009-ger-a9-not/tela/fullscreen>. Acessado em 05.nov.2014.

AVANCINI, M.; CAFARDO. R. Garoto de dez anos tem medo dos colegas. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 02.out.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001002-39066-nac-0009-ger-a9-not/tela/fullscreen>. Acessado em 05.nov.2014

AVANCINI, M.; CAFARDO. R. Violência dentro da escola desafia professores. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 02.out.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001002-39066-nac-0009-ger-a9-not/tela/fullscreen>. Acessado em 05.nov.2014.

AVANCINI, M.; CAFARDO. R. Ameaçada Flávia decide deixar profissão. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 02.out.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001002-39066-nac-0009-ger-a9-not/tela/fullscreen>. Acessado em 05.nov.2014

BASTOS, L. M. Psicologia e violência escolar: contribuições para o enfrentamento do fenômeno. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/732_866.pdf. Acessado em 02.dez.2014.

Bebê sai da escola com fraturas e hematomas. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 11.abr.2010. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100411-42544-nac-50-cid-c8-not/tela/fullscreen>. Acessado em 10.nov.2014.

BELLOCH, A.; OLABARRIA, B. El modelo bio-psico-social: un marco de referencia necesario para el psicólogo clínico. *Revista Clinica e Salud*, v. 4, n. 2, p. 181-190, 1993.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, [LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acessado 05. Dez. 2014

BUORO, A. B. et al. Violência urbana: dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999. 64p.

CALDEIRA,S.N.; REGO, I. E. Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. *Estudos da Psicologia*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 76-96, 2001.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001.

Carvalho DW, Freire MT, Vilar G. Mídia e

CHARLOT, B. ; ÈMIN, J..A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, p. 432-442, 2002.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. Perspectivas Antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, p.25-62, 1985.

COSTA, M. D. [Violência juvenil, resultado da marginalização da juventude pela sociedade de consumo](#). Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 279, 12 abr. 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/5076>>. Acesso em: 23 out. 2014.

DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967- 1997). Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p.163-193, 2001.

Debarbieux, E., & Blaya, C. (2002). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO. WILLIAMS, R. Violência. In: Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

ESTADÃO. Juiz condena escola que recusou garoto portador de HIV. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo. 12.fev.2010. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000212-38833-nac-0001-pri-a1-not/busca/escola>. Acesso em: 10.nov.2014.

ESTADÃO. Ladrões levavam de escolar R\$ 25 mil em aparelhos. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo. 02.dez.2001. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20011202-39492-nac-45-cid-c7-not/tela/fullscreen>. Acessado em: 15.nov.2014.

ESTADÃO. Professora morde bochecha de aluno. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo 23.nov.2010. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20101123-42770-spo-18-ger-a18-not/tela/fullscreen>. Acessado em 10.nov.2014.

ESTADÃO. Trote leva desligamento de quatro aprendizes. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo. 02.nov.2001. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001102-39097-nac-0026-esp-e4-not/tela/fullscreen>. Acessado em 07.nov.2014.

FEILITZEN, C. V. CARLSSON, U. A Criança e a Mídia: Imagem, Educação, Participação. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2002.

FRANCISCHINI, R. & CAMPOS, H. R. (2005) Adolescente em conflito com a Lei e medidas sócio-educativas: limites e (im)possibilidades. In: Psico (PUCRS), Rio Grande do Sul, v. 36, p. 267-273.

GUERRA, V. N. A. Violência Física Doméstica contra Crianças e Adolescentes e a Imprensa: Do Silêncio à Comunicação. Tese de doutorado. Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

Klein, S.E. & Mescka, P.M. 2009. O livro didático x leitura crítica. Disponível em http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoFundamental/LIVRO_DIDATICO_LEITURA_CRITICA.pdf. Acessado em 04. dez. 2014

KRAMER, S. Com a pré-escola nas mãos. São Paulo: Ática, 2000.

LEFFA, V. J. Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolingüística. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto Editores, 1996.

MATEOS, S.B. Difícil lição de casa levar os filhos à escola. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo. 07.dez.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001207-39132-spo-0018-ger-a18-not/tela/fullscreen>. Acessado em: 30.set.2014.

MATEOS, S.B. Escola Municipal inicia ano letivo sem carteiras e docentes. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo.09.fev.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000209-38830-nac-0015-ger-a15-not/tela/fullscreen>. Acessado em: 10.nov.2014.

MATEOS, S.B. Programa usa escola para tirar crianças do garimpo. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 30.abr.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000430-38911-nac-0016-ger-a15-not/tela/fullscreen> . Acessado em 30.set.2014.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Ática, 1989. 119p.

MOTTA, L.G. "Análise pragmática da narrativa jornalística". In LAGO, C., BENETTI, M.. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

Neto, A. L., & Saavedra, L. H. (2003). Diga não para o Bullying: Programa de Redução do comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA.

NETO, J.G. CPI vê indício de superfaturamento em escola. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 23.jun.2001. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010623-39330-nac-38-cid-c3-not> . Acessado em: 15.nov.2014.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violence in schools: identifying clues for prevention, *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.7, n.13, p.119-34, 2003

NJAINE, K.; MINAYO, M.C.S. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. *Ciência & Saúde Coletiva*,

Odalía, N. (2004). O que é violência. São Paulo: Editora Brasiliense.

OLIVEIRA, V. B.. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2000.

Organização Mundial da Saúde (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization Press. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/. Acesso em: 22 de jul 2014.

Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: a preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148- 169.

PEREIRA, C.A.M. Introdução. In: PEREIRA, C.A.M. [et al.]. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p.13-22, 2000.

REBELO, J. O discurso do jornal. *Editorial Notícias*, Lisboa. 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educ Pesq*, São Paulo , v. 27, n. 1, Jun 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100008&lng=en&nrm=iso. Acessado em 03. Dez. 2014

SCHILING, F. (2004). A sociedade da insegurança e a violência na escola. São Paulo: Moderna.

SCHRAM, S. C.; CARVALHO, M. A. B. C.. O pensar educação em Paulo Freire. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf> . Acessado em 04.dez.2014

SOUZA, B. Programa busca soluções para depredações. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 02.nov.2014. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001102-39097-spo-0085-sbo-z4-not> . Acessado em: 15.nov.2014.

SOUZA, B. De foco de violência à escola de qualidade. *Jornal do Estado de São Paulo*. São Paulo. 21.dez.2000. Disponível em:

<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20001221-39146-spo-0114-sbo-z4-not> . Acessado em: 30.set.2014.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. Cadernos de pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cor tez, n. 104, 1998.

STELKO-PEREIRA; A.C.; WILLIAMS; L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. Temas Psicologia, 2010, vol. 18 p.45-55.

Stueve, A., Dash, K., O'Donnell, L., Tehranifar, P., Wilson-Simmons, R., Slaby, R. G., & Link, B. G. (2006). Rethinking the bystander role in school violence prevention. Health Promotion Practice, 7(1), 117-124.

THOMÉ, C. Escola terá que indenizar garoto. Jornal do Estado de São Paulo. São Paulo. 13.abr.2000. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000413-38894-spo-0021-ger-a21-not/tela/fullscreen> . Acessado em: 10.nov.2014. Violência: um olhar sobre o Brasil. Rev Panam Salud Publica.